

# DE QUEM É A RUA, A CASA E A ESCOLA?

(WHOSE ARE THE STREET, THE HOUSE AND THE SCHOOL?)

KELMA MATOS<sup>1</sup>

## RESUMO

*Este trabalho analisa aspectos do Programa "Criança fora da rua, Dentro da escola", principalmente os relativos a escola e família das crianças e jovens atendidos. Para tanto, num primeiro momento apresentam-se as características gerais e, em seguida, abordam-se os seguintes temas: contextualização e surgimento do programa, parcerias entre os órgãos governamentais e não governamentais, fatores de inovação, as relações construídas nos espaços da rua, escola e família, os reflexos do programa na comunicação entre os agentes públicos e a sociedade civil e, por fim, algumas lições dessa experiência.*

**Palavras-chave:** criança, família, escola, rua

## ABSTRACT

*The present study of "Children Outside Of The Street, Children Inside The School" analyses the basic points of the Program: the school, the children and their families. At first, it gives an explanation about the general characteristics of the Program. Next, the following points are discussed: (1) how the Program was raised; (2) the partnership of the Governmental and Non Governmental Organization; (3) the innovation agents; (4) the relationships constructed inside the observed spaces, such as: street, school, family; (5) the communication between the public agents and civic society; (6) something learned from this experience.*

**Keywords:** children, family, school, street

## INTRODUÇÃO

Este artigo discute aspectos básicos do Programa "Criança fora da rua, Dentro da escola", utilizando dados obtidos em pesquisas realizadas nos anos de 1997<sup>2</sup> e 1999, através de observação, pesquisa documental, visitas, e entrevistas semidirigidas com os responsáveis pelo Programa, educadores sociais, diretores de escola, professores, representante do Centro Regional de Desenvolvimento da Educação<sup>3</sup> (CREDE 21), alunos atendidos, egressos, famílias beneficiadas e desligadas. A tessitura destes dados será apresentada a seguir, abordando o surgimento do programa, seus objetivos e parcerias; os fatores de inovação dessa proposta de trabalho com crianças "de e na rua"; algumas dificuldades e possibilidades para a criança nos espaços da rua, da casa/família e da escola e por fim as lições desta experiência, desenvolvida no Ceará, com atuação centrada em Fortaleza.

## O PROGRAMA E SEU CONTEXTO

Há no Brasil mais de 4.245 meninos e meninas<sup>4</sup> confinados em internatos e instituições assemealhadas, em razão de práticas consideradas delituosas. A sociedade vê crescer assustadoramente a fome, a miséria, a violência, inclusive nas escolas<sup>5</sup> e, em consequência, aumenta o número de meninos e meninas que buscam sua sobrevivência nas ruas, seja através do trabalho, seja por meios violentos.

Através de uma pesquisa realizada pela Secretaria de Trabalho e Ação Social (SAS) e Sistema Na-

<sup>1</sup> Professora da Universidade de Fortaleza. Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará

<sup>2</sup> Ver Matos, Kelma. Criança Fora da Rua, Dentro da escola. In: Fujiwara L. M., Aléssio, N. L., Farah, M. F. (orgs). *20 experiências de gestão pública e cidadania*. São Paulo: Programa Gestão Pública e Cidadania. 1998

<sup>3</sup> O CREDE é um órgão de atendimento e acompanhamento às escolas, criado para descentralizar os serviços antes realizados pela Secretaria de Educação e Delegacias Regionais de Ensino. O CREDE 21 também incorporou nos seus trabalhos a linha da descentralização, organizando o atendimento por regiões a 194 Escolas, Liceus e Centros Supletivos

<sup>4</sup> Ver BARROS, Andréa. Quando é bom ser muito perigoso. *Veja*, São Paulo, ano 30, n. 41. 15.10.97

<sup>5</sup> WEIS, Bruno, PADILLA, Ivan. Perigo! Escola. *Isto É*. Edição 1544. 05.05.1999. p.102-107



cional de Emprego (SINE) em 1994, estimou-se haver em Fortaleza cerca de 5.692 meninos e meninas, em locais estratégicos da cidade, trabalhando para ajudar suas famílias, além de 184 crianças morando nas ruas<sup>6</sup>.

Esses indicadores serviram de alerta para a necessidade de realizar-se um melhor atendimento a crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, complementando a atuação da Secretaria de Trabalho e Ação Social em projetos como ABC's, Pólo Central de Atendimento ao Menino e Menina de Rua (Albergue), Núcleo de Iniciação ao Trabalho Educativo, Casa do Menino Trabalhador, Casa da Juventude, Atleta do Ano 2000, Criança Feliz, Circo-Escola Respeitável Turma e S.O.S Criança<sup>7</sup>.

Das reflexões de uma equipe de técnicos da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor do Ceará (Febemce) sobre como otimizar as diretrizes de trabalho surgiu em janeiro de 1996, o "Projeto Vale Cidadão", que passou a chamar-se "Programa passos para a Cidadania", colocando-se como medida emergencial para crianças e adolescentes em situação de mendicância.

Este Programa transformou-se no "Criança fora da rua, Dentro da escola", cuja proposta consiste em uma série de ações e parcerias entre o poder público, o setor empresarial e a sociedade civil<sup>8</sup>, no sentido de arrecadar recursos junto aos três parceiros; abordar crianças e adolescentes na rua e reconduzi-los à família e à escola; garantindo-se às famílias, além de orientação para o trabalho, a complementação inicial de renda por seis meses, que foi ampliada, de acordo com depoimento dos técnicos, para um ano. Outra modificação foi com relação à faixa etária de crianças e adolescentes atendidos, que constava nos documentos

entre 7 e 14 anos e passou para 0 a 18, em virtude dos encaminhamentos feitos aos demais familiares.

De acordo com o Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente (COMDICA) há em Fortaleza cerca de 469 instituições<sup>9</sup> trabalhando com a problemática das crianças e adolescentes, em situação de risco pessoal e social. São organizações governamentais estaduais e municipais, organizações não governamentais, associações de moradores, escolas, centros espíritas e outros órgãos assistenciais. Entretanto, percebe-se que a problemática da criança nas ruas é bastante presente, assim como ainda é alto o índice de analfabetismo entre jovens e adolescentes<sup>10</sup>. O Censo Educacional Comunitário de 1996 pesquisou 219.438 famílias, atingindo 80% das crianças e adolescentes entre 6 e 17 anos de idade, e constatou que na faixa de 11 a 17 anos há 5.700 crianças e adolescentes analfabetos (7,63%). Dos 133.400 entre 6 e 17 anos, 16.132 estavam fora da escola (12,09%).<sup>11</sup>

Neste contexto, o "Criança fora da rua, Dentro da escola" propõe-se a retirar a criança da rua, procurando reduzir a prática de infrações e de mendicância, assim como afastar outras crianças - irmãos da criança beneficiada - de semáforos e praças da cidade. Para tanto atua através de abordagens em pontos estratégicos da cidade, realizadas por 57 educadores sociais; visitas domiciliares para o cadastro das famílias; obtenção do compromisso dos pais de que seus filhos frequentarão a escola; encaminhamento de crianças e adolescentes a escolas, creches e programas socioeducativos e encaminhamento das famílias à Fundação de Ação Social. Para atingir as metas a que se propôs tem por objetivo principal garantir a admissão e a permanência de crianças e adolescentes nas escolas públicas e nos programas sociais, governamentais ou não-governamentais.

<sup>6</sup> De acordo com a referida pesquisa 27,4% da população de Fortaleza tinha entre 05 e 17 anos, ou seja, havia cerca de 480.000 pessoas nesta faixa etária

<sup>7</sup> Para maior detalhamento ver "Relatório do Planejamento das Ações". Departamento de Ações Preventivas e Profissionalizantes. Secretaria de Trabalho e Ação Social. Fortaleza. 1997

<sup>8</sup> A responsabilidade do Programa é da *Secretaria de Trabalho e Ação Social e da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor do Ceará*, que têm como parceiros: a Fundação de Ação Social (FAS), Secretaria de Educação Básica do Ceará, o Sistema Nacional de Empregos (SINE), a Secretaria de Saúde do Ceará (SESA), a Secretaria de Segurança Pública (SSP), o Juizado da Infância e Adolescência, o Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDECA), a Delegacia de Combate à Exploração da Criança e do Adolescente, a Polícia Militar de Fortaleza, o Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente, a classe empresarial e a sociedade civil. Para um maior detalhamento ver *Etapas Chaves de implementação do Programa criança fora da rua, Dentro da escola*. Fortaleza. Setembro. 1997

<sup>9</sup> Conforme "Listagem de Entidades Registradas no COMDICA". A Fundação da Criança da Cidade (FUNCI), órgão municipal, também atua com as crianças nas ruas de Fortaleza, realizando visitas domiciliares e reuniões com os pais; encaminhando as crianças abordadas com sucesso às Unidades Militares (onde funciona o Projeto "Integração da Criança à Sociedade" atendendo jovens de 14 a 17 anos) ou à Escola Ambiental Semear (crianças de 7 a 12 anos). Nestes locais, realizam-se atividades socioeducativas e profissionalizantes, no período em que as crianças não estão na escola

<sup>10</sup> Ver Crianças e Adolescentes: indicadores sociais do município de Fortaleza por bairros e setores censitários /IBGE, Departamento de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro. IBGE. 1996

<sup>11</sup> Censo Educacional Comunitário de Fortaleza - 1996. Secretaria da Educação Básica. Coordenadoria de Planejamento e Modernização Educacional. Diretoria de Estatística Educacional (DEE), 1996



Das empresas, onde era esperada uma maior participação relativa aos recursos, garantidos pela Lei federal 8.069/90, art.260 - que permite o repasse de 1% do Imposto de Renda, devido pelos empresários e população em geral, através da compra de Bônus - constata-se ainda dificuldades na arrecadação. Outras dificuldades, indicadas pela Coordenação do "Criança fora da Rua" são a inexistência de um local para retaguarda, por exemplo, de um Centro de atendimento e internação para crianças viciadas em drogas; a necessidade de maior articulação e apoio da Secretaria de Educação; a falta de disciplina nas universidades que tratem dessa questão e sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Ressaltam que seria necessário investir no esclarecimento da população sobre a cidadania das crianças e a função social do Programa.

*Há ainda uma cobrança da sociedade para que o Programa resolva tudo. Não compreendem que o menino tem cidadania e portanto direito de ir e vir. Alguns querem que o educador dê um jeito em tudo, que prendam. Talvez precisasse ainda mais de esclarecimentos, de divulgação do próprio Programa e também de outros órgãos parceiros. (Coordenadora do Criança Fora da rua, Dentro da escola)*

## FATORES DE INOVAÇÃO

As inovações trazidas pelo Programa "Criança fora da rua, Dentro da escola" são o trabalho integrado entre órgãos governamentais, no sentido de formar uma rede de assistência, envolvendo também as famílias dos menores em situação de risco pessoal e social; a prevenção à permanência na rua dos irmãos dos menores atendidos, e o lançamento de campanhas na mídia local, principalmente no início do projeto, alertando a população para não reforçar a mendicância das crianças. O Programa trouxe, ainda, uma mudança na imagem da Febemce<sup>12</sup>.

Os educadores sociais trabalham com uma far- da conhecida por *abadá*. Atualmente são chamados

de *os amarelinhos*, e facilmente identificados, o que se por um lado pode trazer alguma dificuldade com as crianças no processo de abordagem, por outro deixa claro para a população as ações que estão sendo realizadas.

A concessão de "Bolsa Aprendizagem"- cujo valor varia entre 50% e 100% do salário mínimo<sup>13</sup>, em função do número de filhos - também pode ser considerada uma inovação do programa. Esta bolsa é repassada às famílias, segundo critérios predefinidos, tanto para a concessão, quanto para o desligamento, funcionando como estímulo efetivo à permanência das crianças na escola.

Os critérios para o repasse são: comprovação de renda per capita de até 30% do salário mínimo; assinatura de um termo de responsabilidade pelo qual os pais comprometem-se a enviar todos os filhos para creches e escolas públicas<sup>14</sup>; participação nos programas socio-educativos e de capacitação profissional e geração de renda. O desligamento ocorre quando forem descumpridas as condições preestabelecidas; não haver mais necessidade do subsídio ou no término de prazo de seis meses. (Projeto.1996:6). Como foi citado anteriormente, com a verificação de que o período determinado para a bolsa era exíguo, houve uma ampliação do prazo para um ano.

*São raras as famílias beneficiadas que apresentam apenas um dependente e quando é só um dependente é só uma bolsa. Varia de seis meses a um ano a bolsa e até mais quando há necessidade, na medida que são feitos os desligamentos, vão entrando novos grupos (Assistente Social do Criança Fora da Rua, Dentro da Escola).*

De junho a dezembro de 1996, primeiro semestre de atuação do Programa, foram abordadas e cadastradas nas ruas de Fortaleza cerca de 2.536 crianças e realizados 2.724 encaminhamentos, sendo 492 feitos para a escola e a grande maioria, 1.304, para os ABCs. Nos três meses seguintes (janeiro a março de 97), o número de abordagens diminuiu, alcançando a média de 130 por mês, para em seguida, no período compreendido entre abril a setembro de 1997, elevar-se para 148 abordagens por mês.<sup>15</sup>

<sup>12</sup> Uma adolescente, em entrevista concedida à autora, explicou que nas primeiras vezes que foi abordada pelos educadores sociais do programa, fugiu porque outros jovens haviam dito que o carro era da Febemce (entrevista realizada no Circo-Escola. Conjunto Palmeiras em 29.09.97). Hoje, de acordo, com depoimento de uma educadora (13.06.99) algumas mães fortalecem a imagem de que as crianças devem temer os amarelinhos: "Menino, se não entrar em casa, os amarelinhos vão te pegar", mas acrescenta que não existe mais o receio de serem enviados para o Juizado de Menores, como ocorria antes da implantação do Programa

<sup>13</sup> FEBEMCE. *Quadro demonstrativo de Bolsa-Aprendizagem*. Fortaleza. setembro, 1997

<sup>14</sup> Todos os meses as mães devem levar para a reunião a comprovação de pelo menos 90% da frequência de seus filhos à escola e ABC's para receberem a bolsa

<sup>15</sup> Programa Criança fora da rua, Dentro da escola. Relatório do Atendimento Geral (até 31.12.96; até 31.03.97; até 29.09.97; até 30.04.99). Fortaleza, Ceará. 1999



Foram beneficiadas, até agosto de 1997, 4.062 crianças e adolescentes, ou seja, 66% do total das que se encontravam nas ruas. Ainda de acordo com os dados do programa, houve um índice de 80% de *permanência nos encaminhamentos para escola e programas socioeducativos*.

O foco nas abordagens tem sido, em 79% dos casos, centrado na faixa etária entre 7 e 16 anos<sup>16</sup>. De um total de 5.583 atendimentos em Fortaleza, 3.225 foram crianças entre 12 e 16 anos, e 1210 entre 7 e 11 anos. A experiência de uma *educadora social* reafirma este resultado:

*A gente atende de zero a 17, quando visita os irmãos. Nas abordagens é mais 8, 13, 12 anos. Os encaminhamentos que são para os ABC's de 7 a 17. A partir de 16 recomendamos que a mãe procure que ele faça logo um curso profissionalizante, e damos encaminhamento também para o Núcleo de Trabalho Educativo.*

Os dados apresentam ainda, desde o início do Programa, o repasse de 27.134 bolsas (R\$ 1.751.569,00)<sup>17</sup>. Sendo formados 26 grupos atendidos, com cerca de 50 famílias em cada um deles. Em contrapartida 668 famílias já foram desligadas (até o 15º grupo)<sup>18</sup>.

A proposta assemelha-se, em alguns pontos, ao Programa Bolsa-Escola<sup>19</sup>, de Brasília, que após três anos de funcionamento conseguiu demonstrar resultados interessantes como a redução de 860 para menos de 600 crianças na rua; a baixa no índice de evasão escolar de 10% para 0,4%; o índice de repetência é de 8%, enquanto a média geral é de 17%; atinge mais de 20.000 famílias, com a participação de 42.480 crianças.

## DE QUEM É A FAMÍLIA? DE QUEM É A ESCOLA? DE QUEM É A RUA?

Em Fortaleza é alta a proporção de domicílios *chefiados por mulheres* (23,3%)<sup>20</sup>. Em alguns bairros, como o Centro da cidade, em 40% das casas verifica-se esta situação. É normal a participação em programas sociais, em consequência do seu rendimento mensal, em 62% dos casos chegando, no máximo, a *dois salários mínimos*. Destas, 39% *recebem apenas* um salário<sup>21</sup>. Com relação ao Programa faz-se a mesma observação. A grande maioria das mães é gestora das bolsas, assim como também chefe de família<sup>22</sup>.

*A maioria são mães solteiras. O pai conviveu pouco tempo e foi embora, a mãe sustenta 3, 4 filhos, as vezes dois ou um, recebe a bolsa esse dinheiro é para dividir com todo mundo para a alimentação. Elas reclamam por causa do corte porque quando saem não têm o que fazer, até procuram emprego mas não encontram... (Técnica do ABC do Bairro V)*

A aquisição das bolsas eleva o status dos beneficiados, antes totalmente negado no bairro pela ausência de uma renda mensal. Assim, os pequenos comerciantes tornam acessíveis as compras a prazo, sem ultrapassar o limite do recurso concedido, segundo atesta o depoimento de uma mãe.

*Aí melhorou minha filha porque ninguém queria me vender fiado prá comer, como você sabe eu andava pedindo, depois que entrei no programa eu compro nas bo-dega prá pagar com essas bolsa, a gente*

<sup>16</sup> Quantitativo das Crianças e Adolescentes cadastrados por localidade de Residência (Fortaleza). Programa Criança Fora da Rua, Dentro da Escola. 1996 - 1999. Observou-se que entre 2 e 6 anos, 281 crianças foram beneficiadas. O quantitativo referente aos jovens com mais de 16 anos foi de 845 casos

<sup>17</sup> Cf. Tesouro Estadual. *Quadro demonstrativo de despesas (maio/96 a abril/99)*. Ver ainda *Evolução financeira do fundo estadual da criança e adolescente*. Documento emitido pela SAS em 29.09.97

<sup>18</sup> Atualmente são repassadas 1000 bolsas, cada uma no valor de R\$ 68,00. Ver *Dados complementares - Do 1º ao 22º Grupo*. 01.06.99. Programa Criança fora da rua, Dentro da escola. Fortaleza, Ceará

<sup>19</sup> Casa e escola. Governo do Distrito Federal ajuda crianças pobres e também seus pais". *Veja*. Edição 1516, ano 30. n.40. 08.10.97.

<sup>20</sup> Crianças e Adolescentes: indicadores sociais do município de Fortaleza...*op. cit*

<sup>21</sup> Depoimentos colhidos em uma reunião, em 1997, da qual participaram 36 mães de crianças atendidas pelo programa, expressaram: a sua situação de carência, a ansiedade em perder a bolsa concedida (descumprimento dos critérios e término do prazo); a dificuldade em organizar/chefiar uma família de muitos filhos, sem condições de oferecer-lhes uma vida digna com escola, moradia e alimentação. O mesmo quadro apresentou-se em 1999 por ocasião da coleta de depoimentos e observação de uma reunião de repasse da bolsa com cerca de 50 mães

<sup>22</sup> De 3568 crianças atendidas de jun/96 a dez/97, 1568 moram com os pais, 1426 só com a mãe, 94 só com o pai e 480 com outros familiares. Observa-se que mesmo os que moram com os pais tem em grande maioria a mãe como gestora do benefício. Ver Secretaria de Trabalho e Ação Social/ FEBEMCE/ Programa Criança Fora da Rua, Dentro da Escola. "Cadastrados por condições de Moradia Familiar, segundo os grupos de localidade de Fortaleza". Fortaleza, 1997



*se apega com a bolsa e na bodega o povo vende até o total daquele dinheirinho, aí diz: "Pronto agora não dá mais, no próximo mês você compra de novo." (Mãe participante do Programa, cinco filhos)*

Afirmam que o dinheiro não supre todas as necessidades mas garante, por um período, a alimentação para poderem pensar em outras estratégias de sobrevivência. Os Centros Comunitários, através do Serviço Social<sup>23</sup> tentam contribuir para que ao término do recurso, existam alternativas de trabalho e melhoria de vida. Nessa parceria percebem-se desejos e esforços em atender a família, o que não se concretiza satisfatoriamente, dada a fragmentação da política social, expressa na falta de continuidade do trabalho, de recursos financeiros e de pessoal.

*Nos centros comunitários as assistentes sociais não são suficientes para o número de famílias atendidas. Por exemplo, no bairro "x" são 196 famílias para serem visitadas por uma assistente social (...) não fazem visitas por conta da falta de transporte, porque é só uma assistente social. (Educadora Social do Programa)*

*Poderia aumentar os recursos pra gente poder ir mais vezes, estar mais perto acompanhando, porque tem casos que a gente se sente tão sem condições de ajudar que tira do próprio bolso porque estão chorando, pedindo. É positivo porque pelo menos não estão na rua, estão em uma atividade dentro do centro e em alguns casos melhoram (Coordenadora do Centro Social Y)*

A dificuldade em encontrar trabalho, devido a falta de formação básica e qualificação profissional, é outro fator decisivo que mina resultados mais rápidos e eficazes esperados pelo Programa.

*Só fiz começar um curso mas não passei, era de lavadeira. Não passei no teste de escrever. Eu hoje lavo roupa e engomo na comunidade. Sustento os meninos pelejando, trabalhei dois meses na prefeitura. As vezes nós vai para a rua porque é o jeito (Mãe desligada, 4 filhos. Grifo meu).*

Em relação a parceria com as escolas, algumas anunciam a falta de uma equipe interdisciplinar para tornar o trabalho mais consistente. Observam-se casos de indisciplina acentuada, utilização de drogas, e os profissionais de educação reclamam que não contam com um serviço especializado *nem para seus próprios alunos*. Inicialmente, em grande parte das escolas, o acesso das crianças encaminhadas pelo programa, foi visto como *um trabalho a mais*: controle de frequência mensal, avaliação de comportamento e conteúdos, e o próprio lidar com uma *criança de/na rua*. Processualmente, com um trabalho de sensibilização<sup>24</sup>, foram acontecendo mudanças, mas em muitas instituições ainda paira o rótulo "do menino, da menina que é da Ação Social" e que portanto deve ser mais acompanhado por quem o trouxe para a escola.

*A sugestão é que a Ação Social não ficasse somente na análise das fichas, trouxesse técnico capacitado que a escola não tem. O aluno está presente na escola, é aluno do Projeto Fora da rua, Dentro da escola. Agora nem sempre o aluno do projeto é o mais danado... (Diretora de Escola Q)*

Os técnicos do Programa concordam que deveriam contar com uma equipe para resolver casos mais especiais, como por exemplo com meninos drogados, porque não há instituições locais de internamento, para tratamentos mais rigorosos, quando o menino está na rua e perdendo totalmente os vínculos com a família. Outro empecilho verificado é com relação ao número de vagas, que foi ampliado, mas com a matrícula única muitas crianças foram encaminhadas para outros bairros, tendo de pegar ônibus, onerando a renda e ficando sem condições de frequentar diariamente as aulas.

*Vou e vejo a escola se sentindo impotente diante de algumas situações. Se o problema é com drogas, só em você ir à instituição se sente mais apoiada. Tem alguém para partilhar o problema, embora não resolva. Nas reuniões falo que tem casos que ultrapassam o limite do programa e da escola (Pedagoga do Programa)*

<sup>23</sup> As famílias são orientadas para buscar a profissionalização durante esse período em que estão recebendo o benefício. São feitos encaminhamentos para auxílio à moradia, balcão de emprego, financiamento para instrumental de trabalho, serviços de saúde, cestas básicas, documentos, entre outros. Ver FARIAS, Rosélia. M. F. M. de. *Crianças em situação de risco em Fortaleza: o Programa "Criança fora da rua, Dentro da Escola"* no contexto do enfrentamento à pobreza. Monografia de especialização. UECE. 1998

<sup>24</sup> No Programa há duas pedagogas da Febemce. Participam de reuniões mensais por Região do CREDE buscando a sensibilização, pedido de um tempo para o Programa na pauta. Encaminham ofícios para os Diretores e visitam as escolas onde há problemas



Acreditam que precisa ser feito um trabalho de sensibilização ainda maior para concretizar cada vez mais essa parceria, porque o aluno encaminhado tem direito à escola tanto quanto os outros.

*A escola precisa ter meios para atrair esses meninos. Não passar esse preconceito pra criança de que ele é diferente, é danado demais. Hoje mesmo uma mãezinha aqui falou que a escola disse que o menino era de rua e isso prejudica, sem dúvida* (Educadora Social)

É interessante a discussão acima porque grande parte dos meninos e meninas encaminhados pelo programa já freqüentavam a escola<sup>25</sup>, utilizando a rua como espaço para trabalho e liberdade, no outro expediente. Algumas vezes vão acompanhados pelas mães, noutras “reinem” sozinhos onde, além da sobrevivência, conseguem a “posse” do lugar, que não é de ninguém, e é de todos. A rua é deles, talvez mais deles que a escola, que a família. Na rua se identificam, aceitam-se entre si. Fogem da kombi do Programa, conversam com as pessoas, contam histórias e estórias. Na rua intimidam, aprendem artes e perigo. Na rua correm perigo. Fica difícil trocar a rua por locais menos atrativos, menos fascinantes. Fica difícil prescindir da “liberdade”, com riscos, mas liberdade... fica difícil freqüentar num expediente a escola, noutro fazer atividades, sendo a rua agora espaço proibido. Eles sabem, às vezes, dos perigos, das drogas, das gangues, do envelhecimento precoce, do trabalho noturno que explora<sup>26</sup>, da prostituição infantil, da polícia que prende e às vezes bate, mas precisam de uma escolha que ofereça vantagens mais imediatas, precisam de locais que os acolham, onde os entendam, que tenham prazer em ficar, precisam de respostas imediatas e firmes para a fome e miséria que os empurram para a rua.

*Quando pastorava carro tinha perigo lá, e muito mesmo. Tinha a gangue do castelo que tomavam o dinheiro meu e do Tião...* (Criança egressa do programa - 13 anos)

*Tenho 14, ia prá praia pedir. Era no Náutico aí quando a feira do Náutico tava se acabando*

*ia prá Iracema e depois prá casa. Eu e ele aí, que tem nove anos. Voltava três horas da manhã. Se a mãe deixar de receber eu vou voltar a pedir, não vou deixar morrer de fome, nem roubar, nem deixar minha mãe se prostituir, vou pedir* (Criança participando do programa).

O “pavor” em perder a bolsa também é demonstrado pelas mães que apresentam um discurso onde aparece a falta de perspectiva, a dependência do benefício, a falta de horizontes para o “depois da bolsa”. Temem inclusive ser “cortadas” antes do prazo final e para que isso não aconteça, conversam com os filhos para não pedirem na rua, para continuarem indo à escola, mesmo quando falta o vale-transporte, para não se atrasarem nas atividades do ABC, e ameaçam que vão voltar pra rua quando findar o recurso.

*Se for prá ser cortado nós vamos pedir de novo porque nós não tem de onde tirar, nós não tem de onde tirar nada* (Mãe participante do Programa. 3 filhos Grifo meu).

De acordo com as informações da Coordenação do “Fora da Rua, Dentro da Escola” o índice de reincidência às ruas é de apenas 5%. Os depoimentos indicam que mesmo alguns que recebem a bolsa, utilizam outras estratégias para pedir: vão às casas de família ou em locais menos conhecidos dos educadores sociais.

*Já foi encontrado na casa de uma instrutora um monte de menino lá pedindo e disseram tia você mora aqui? E aí correm pensando que a gente vai dizer e vai ser cortado. Mas isso é a necessidade de comida mesmo* (Técnica de Informática do ABC. Bairro V).

É visível que o período da bolsa, mesmo tendo sido ampliado, em alguns casos até para dezoito meses, ainda é pouco tempo em relação ao processo desestruturador que vem atingindo essas pessoas. Seria interessante repensar um prazo mais estendido mesmo após o encerramento, fazer um acompanhamento

<sup>25</sup> Das 3.568 crianças cadastradas até 1997, 2.143 estudavam, 1.096 não estavam estudando na época e apenas 329 nunca haviam estudado. Secretaria de Trabalho e Ação Social/Programa Fora da Rua, Dentro da escola. “Cadastrados por condição de escolaridade, segundo os grupos de localidades”. Fortaleza, jun/dez. 1997

<sup>26</sup> Sobre a situação mundial de exploração do trabalho infantil conferir: Fundo das Nações Unidas para a Infância. *Situação Mundial da Infância 1997*. Brasília: UNICEF. 1997



mais próximo de todos os que já participaram do programa. Se isto não for repensado, é grande o risco do investimento feito se perder.

*Você acha que com meia bolsa tem condição de se sobreviver? Eu fiz a visita a uma mãe, (...) eu cheguei lá nem pão prá dar as meninas ela tinha. Esse mês é o último mês do grupo dela. Será que está certo dar uma auxílio de seis meses, de um ano? (...) depois de terminada a bolsa teria de ser dada uma assistência a essa família, não sei se psicológica, profissional, mas teria que ser feito, eu não tenho conhecimento se se faz (Técnico de Esportes do ABC. Bairro V)*

As crianças e adolescentes também param de freqüentar as atividades alternativas por problemas de deslocamento. Morando em locais de difícil acesso, correm riscos até chegar à escola ou aos ABC's, e nesse tempo "livre", se houve profissionalização, passam a trabalhar no que conseguem, se não for desta forma, a rua os espera, com dentes afiados e braços abertos.

*Eles vem de pé e vão de pé, não tem vale-transporte, atravessando rio, se você vê fica horrorizada. Gasta 30 minutos até a beira do rio, quando chega lá tem uma tábua do tamanho dessa mesa com duas câmaras de ar, o homem amarra aqui na cintura e a água no ombro para passar essas crianças, um dia desse o homem tava bebo, soltou foi tudo dentro e ia morrendo tudo era afogado (Mãe participando do Programa – três filhos)*

*Normalmente quando o menino é cortado ele desaparece daqui, muita mãe diz que só vinha por causa desse dinheiro porque morram depois do rio (Professora de Reforço do ABC)*

Para os técnicos, o que garante que a criança não retorne às ruas é a permanência da mãe no Centro Comunitário, para tanto faz-se imprescindível acompanhamento e atendimento continuados às famílias desligadas. Assim, é necessário a formulação e implementação de políticas sociais federais,

estaduais e municipais, que visem a família como um todo, na perspectiva de assegurar resultados significativos.

## LIÇÕES DA EXPERIÊNCIA DESENVOLVIDA

O programa consiste em idéias e ações simples e com possibilidades de eficácia, no sentido de redirecionar a população às políticas públicas já existentes, desestimulando a permanência das crianças e adolescentes nas ruas, e tornando mais transparentes para as famílias as oportunidades de trabalho. Dentre elas, destaca-se a proposta de articulação entre órgãos estatais, no sentido de atender a criança e sua família, através da garantia da freqüência à escola (Secretaria de Educação Básica), da capacitação para o emprego (SINE) e o acesso a outros projetos socioeducativos.

Outro fator a ser ressaltado é a bolsa destinada às famílias, que tem um sentido social mais amplo do que a "simples retirada" da criança da rua, pois garante as condições mínimas de sobrevivência econômica. Por outro lado, seria interessante que o número de famílias beneficiadas pela "Bolsa-Aprendizagem" fosse maior, assim como o prazo de recebimento desta complementação de renda, mesmo tendo sido ampliado. Somado a isso, como já foi indicado, o acompanhamento às famílias desligadas é essencial para o sucesso do trabalho.

As parcerias apresentam-se mais fortes com alguns dos órgãos e projetos governamentais, especialmente com os ABC's, através do encadeamento do trabalho com as crianças e suas famílias. Com a Secretaria de Educação Básica observa-se uma ligação crescente, precisando alcançar ainda um elo mais firme, com articulação planejada e resultados mais eficientes.

A proposta de retirar a criança da rua e mandá-la à escola, expressada de forma clara pelo programa, traz uma característica inovadora que aponta para a formação da cidadania. No entanto, este também é, ao mesmo tempo, um dos pontos frágeis porque há que se investir no acompanhamento pedagógico e psicológico, para a adaptação e permanência da criança na escola, visando a sua ressocialização.

A atuação e formação dos educadores<sup>27</sup> têm sido aperfeiçoadas nos últimos dois anos. Em 1999 os educadores participam de diversos treinamentos, ca-

<sup>27</sup> Para um maior aprofundamento sobre a questão da formação do educador social de rua ver GRACIANI, Maria Stela S. *Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire. 1997. Ver ainda, GADELHA (1998) sobre a atuação dos profissionais do social que trabalham com a menor- idade



pacitando-se para o tratamento adequado com crianças e famílias. É importante dinamizar ainda mais essa capacitação<sup>28</sup>, assim como possibilitar *Cuidar mais do cuidador*, de acordo com as palavras de uma educadora social. O educador de rua é um pesquisador e precisa refletir sistematicamente sobre a sua interação com as “diversas identidades em construção”. Assim é necessário formação e cuidados permanentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Andréa. Quando é bom ser muito perigoso. *Veja*. Edição 1517. Ano 30. N. 41. 15.10.97. p.98-103.

CONSELHO Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente COMDICA. *Listagem de Entidades Registradas*. Fortaleza, 1997.

CRIANÇAS e Adolescentes: indicadores sociais do município de Fortaleza por bairros e setores censitários /IBGE, Departamento de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE. 1996.

FARIAS, Rosélia. M. F. M. de. *Crianças em situação de risco em Fortaleza: o Programa “Criança fora da rua, Dentro da Escola no contexto do enfrentamento à pobreza”*. Monografia de especialização. UECE.1998.

FEBEMCE. *Quadro demonstrativo de Bolsa-Aprendizagem*. Fortaleza, setembro de 1997.

FUNDO das Nações Unidas para a Infância. *Situação Mundial da Infância, 1997*. Brasília: UNICEF. 1997.

GADELHA, Sylvio de Sousa. *Subjetividade e menor idade: acompanhando o devir dos profissionais do social*. São Paulo: AnneBlume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desportos.1998.

GRACIANI, Maria Stela S. *Pedagogia Social de Rua: análise e sistematização de uma experiência vivida*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire.1997.

JÚNIOR, Policarpo, BRASIL, Sandra. Casa e escola. Governo do Distrito Federal ajuda crianças pobres e também seus pais. In: *Veja*. Edição 1516 ano 30. n. 40. 08.10.97. p. 74 e 75.

MATOS, Kelma. Criança Fora da Rua, Dentro da escola. In: Fujiwara L. M., Aléssio, N. L., Farah, M. F. (orgs). *20 Experiências de Gestão Pública e Cidadania*. São Paulo: Programa Gestão Pública e Cidadania. 1998.

PROGRAMA Criança fora da rua, Dentro da escola RELATÓRIO do Atendimento Geral (Até 31.12.96; até 31. 03.97; até 29.09.97; até 30.04.99). Fortaleza, Ceará. 1999.

\_\_\_\_\_. *Dados complementares – Do 1º ao 22º Grupo*. Fortaleza, Ceará. 01.06.99.

\_\_\_\_\_. *Quantitativo das Crianças e Adolescentes Cadastrados por localidade de Residência* (Fortaleza). Fortaleza, Ceará. 1999.

SECRETARIA da Educação Básica. *Censo Educacional Comunitário de Fortaleza - 1996*. Coordenadoria de Planejamento e Modernização Educacional. Diretoria de Estatística Educacional (DEE), 1996.

SECRETARIA de Trabalho e Ação Social. *Evolução Financeira do Fundo Estadual da Criança e Adolescente*. Documento emitido pela SAS em 29.09.97.

\_\_\_\_\_. *Etapas-Chaves de implementação do Programa criança fora da rua, Dentro da escola*. Fortaleza, setembro, 1997.

\_\_\_\_\_. *Relatório do Planejamento das Ações*. Departamento de Ações Preventivas e Profissionalizantes. 1997.

SECRETARIA de Trabalho e Ação Social/ FEBEMCE. Projeto do “Programa Criança fora da rua, dentro da escola”. Fortaleza, 1996.

SECRETARIA de Trabalho e Ação Social/ FEBEMCE/ Programa Criança Fora da Rua, Dentro da Escola. *Cadastrados por condições de Moradia Familiar*, segundo os grupos de localidade de Fortaleza. Fortaleza, 1997.

\_\_\_\_\_. “Cadastrados por condição de escolaridade, segundo os grupos de localidades”. Fortaleza jun/ dez. 1997.

WEIS, Bruno, PADILLA, Ivan. Perigo Escola! *Isto É*. Edição 1544. 05.05.1999. p.102 -107.

TESOURO ESTADUAL. *Quadro Demonstrativo de despesas* (maio/96 a abril/99).

<sup>28</sup> As mães reclamaram que alguns educadores quando as encontram nas ruas em situação de mendicância fazem abordagens que as deixavam envergonhadas e culpadas pela situação de pedintes. “Os amarelinho se você vai pra praia pergunta o que você tá fazendo aqui? Pedindo esmola. Você não tem marido não? Tem mas é doente mental. Você tem quantos filhos? Três. Tenha vergonha vá trabalhar, vá criar seus filhos que você é muito nova. Mas moço eu não posso deixar meus filhos só não porque meu marido já tocou fogo na minha casa três vezes, aí pronto eles passaram um carão porque todos passam mesmo”. (Mãe participando do programa. Três filhos)